Homem de guerra e boémio

JAIME NEVES

Homem de guerra e boémio

JAIME NEVES

POR

RUI DE AZEVEDO TEIXEIRA

BERTRAND EDITORA
Lisboa 2012

1. SÃO MARTINHO DE ANTA E FONTAINHAS

A terra das batatas comidas com garfos de ferro. Portugal ou a *grandeza pobre*. A escola primária. O contrabando de volfrâmio e Vasco Morgado. Torga é «o Ateu». O reizinho entre os pobres. As cábulas originais. Jaime, Zezinho e Walter.

A mãe, Maria Madalena Gonçalves, segundo a ordem natural, e também cultural, das coisas, é doméstica; o pai, Jaime Gonçalves das Neves, polícia. Jaime Alberto Gonçalves das Neves nasce em São Dinis, freguesia urbana de Vila Real, a qual orgulhosamente tem em si a Casa de Diogo Cão. Logo após o nascimento, passa a viver na terra da mãe, no lugar de Anta da freguesia rural de São Martinho de Anta, concelho de Sabrosa. A freguesia tem por orago o santo mais popular de França, patrono de soldados e homem da generosidade. Os Neves vivem na casa de granito, telha nacional e quatro águas dos pais de Madalena. É uma casa isolada junto ao ribeiro da Corva, onde, num lanço mais largo, o pequeno Jaime aprende a nadar e a dar os seus primeiros saltos-bomba para a água. O pai, natural de Machio de Baixo, Pampilhosa da Serra, é um agente da Polícia de Segurança Pública que se especializará em explosivos. Virá a ser guarda nas Minas da Borralha e de Jales e subirá ao posto de subchefe da PSP. Os avós Salvador e Maria são lavradores remediados que, além do cultivo da terra, são responsáveis por um grande rebanho de ovelhas.

Sabrosa é um concelho de muitos solares e casas senhoriais, sendo a Casa da Pereira, onde Fernão de Magalhães nasceu, a mais distinta.

A zona onde se integra a freguesia é aberta e dela se avista, ao longe, a ocidente, a serra do Marão. A freguesia é um *patchwork* de penedias e de bosques, de campos de bravio e de terras cultivadas. Essas terras, algumas separadas por sembas, deram ao longo dos tempos origem a conflitos, resolvidos muitas vezes com a sacholada mortal. O transmontano é brutal e até cruel na defesa do que é seu. Se, na habitual espera que se faz para acertar contas, o devedor aparece acompanhado, então o acompanhante leva também friamente a sua paulada, porque ferido já não pode ser testemunha, apenas queixoso. O passo seguinte de quem assim pune é fugir para Espanha. Lá fica a aguardar pela sentença. Se for prisão curta, regressa e cumpre a pena. Caso contrário, há mais um transmontano à aventura pelos quatro cantos do mundo. Mais um *Senhor Ventura* de Miguel Torga à aventura ou mais um Manuel, padeiro no Brasil.

Jaime Alberto Gonçalves das Neves vem ao mundo no dia 24 de março de 1936. É o ano em que rebenta a Guerra Civil de Espanha. Portugal é então a pequena metrópole de um império imenso. Mas é de uma *grandeza pobre.* O analfabetismo, pesada herança de quase cem anos de liberalismo e republicanismo, domina, e a economia é frágil, feita de subindústria e ruralismo. Liderados por uma oligarquia política e económica, os portugueses vivem sob o autoritarismo de um impreciso «fascismo clerical». Há censura, embora menos severa do que a dos países comunistas; e há presos políticos, embora menos maltratados do que nas ditaduras de direita do Terceiro Mundo ou nos países de Leste. Nas colónias, por sua vez, a violência estatal é direta. Grandeza sem majestade, pobreza com educação baixa e mão pesada, em especial nas colónias, é o que Portugal é.

Os primeiros anos de vida do rebento dos Neves decorrem em tempos difíceis, ainda mais difíceis nuns já de si pobres Trás-os--Montes, esse torguiano «mar de pedras». É um tempo em que os mais pobres, para acenderem o lume, usam o lumiaco, um ramo muito seco da muito oleosa esteva, que se mantém em brasa durante horas. Apesar da pobreza, ninguém morre de fome. Como na Irlanda, há sempre batatas. *Os Comedores de Batatas,* de Van Gogh, de que a transmontana Graça Morais tanto gosta, bem poderia ser o selo

desta época. Comidas com garfos de ferro, as batatas nunca faltam, bem como as castanhas; e há sempre uma malga de sopa, nem que seja de sopa de urtigas. E, quanto ao espírito, o transmontano trata-o com a religião. Três vezes por dia — ao nascer do dia, ao meio-dia e ao nascer da noite —, o sino da igreja toca o seu som antigo, levando as pessoas a parar e a rezar o *Angelus,* a ave-maria. No «Reino Maravilhoso» do autor dos *Contos da Montanha,* ainda se vive o calmo tempo ecológico, cristão, bem longe do apressado tempo do relógio, do comércio e do lucro.

Nos anos de chumbo das décadas de quarenta e cinquenta, há quem faça fortunas com o contrabando e as «explorações informais» de volfrâmio. Extraído dos coutos mineiros da Borralha e da Panasqueira, o volfrâmio é um metal estratégico quer para alemães quer para britânicos, visto servir para o fabrico de munições e de blindagens. Vasco Morgado, amigo do agente da PSP Neves e futuro grande empresário do Parque Mayer, é um dos que enriquece com o contrabando. É um «volframista novo-rico». E o próprio Jaime, associado aos tios António e Alberto, também peneira volfrâmio e ganha dinheiro com o minério. Na estrada de terra de Anta, com um carro inglês de um lado e um alemão na berma oposta, o pequeno Jaime vende o seu material. O negócio corre tão bem que, com menos de dez anos, chega a andar com uma nota de mil escudos no bolso. Mete a mão no bolso e sente-se um homem, sente-se rico.

Jaime Alberto Gonçalves das Neves faz a 1.ª classe na Escola Primária de São Martinho de Anta. Os homens da aldeia revezam-se na tarefa de levar as crianças para a escola e de as trazer de volta. São caminhadas de quilómetros. Pelo caminho veem passar trolhas de bicicleta, um com frieiras nas mãos, outro com um jornal por dentro da camisa para se defender do frio. No inverno, como os dias são curtos e as aulas começam cedo e acabam tarde, o homem de turno às crianças vai e vem de candeia acesa. Alguns dos garotos também carregam a sua candeia pelo meio da gelada escuridão transmontana.

É em São Martinho de Anta que Jaime vê o ex-seminarista, ex-porteiro de um palacete do Porto, ex-emigrante pé descalço no Brasil e médico dentista Adolfo Correia da Rocha comportar-se de forma antipática com os aldeões. O homem, soberbo, não responde aos que o cumprimentam, apenas fala com o padre Avelino. É também em São Martinho de Anta que vê o doutor Adolfo Rocha colocar panos pretos nas janelas quando passa a procissão de Nossa Senhora da Azinheira, a padroeira da aldeia. Mais do que uma simples atitude transgressora, que os transmontanos tanto apreciam, em especial quando é contra o Estado «lá de Lisboa», esses panos são vistos como uma provocação séria. É uma provocação do «Ateu», como o poeta é conhecido nas redondezas, provocação pesada que os atinge na fé ingénua, rude e algo pagã finamente descrita por Teixeira de Pascoaes. E é esse mesmo Torga que, num exemplo talvez inexcedível de *poetic license,* deixa escrito: «Na cidade sou uma ficção entre ficções; na aldeia sou uma criatura entre criaturas.» O pequeno Jaime ainda não sabe que o homem, trinta anos mais velho do que ele, já começa a ser Miguel Torga, um fulano insuportável mas também um poeta com as marcas identitárias da grande literatura: o individualismo feroz e a exigência estética e cognitiva.

Seguindo o pai, que é destacado para um novo posto da Polícia de Segurança Pública, Jaime faz a 2.ª classe na Escola das Fontainhas, no Porto. A tripeira é a primeira das duas Fontainhas da sua vida. Quer em Anta quer nas Fontainhas, Jaime é um pequeno rei. Na aldeia de São Martinho, tendo por colegas filhos de jornaleiros e de pequenos lavradores, que andam descalços ou usam socos de amieiro e fazem frente à chuva com sacos de serapilheira ou com ponchos de palha, ele, filho único bem composto, é um reizinho. Usa sapatos e é filho de um representante da autoridade, o que, numa ditadura, tem especial força. Também nas Fontainhas o seu estatuto se mantém, uma vez que os colegas são filhos de operários fabris, de trolhas ou de empregados do comércio.

Feita a 2.ª classe, regressa a Trás-os-Montes para frequentar a 3.ª na Escola Azevedo, em Vila Real. Aí tem José Pereira da Rocha

e Walter Almeida como vizinhos. São também amigos e colegas não só na escola primária mas pelo liceu fora. A mãe de Pereira da Rocha é professora primária e, em casa, segue com rigor os progressos escolares do filho, que estuda com Jaime. É a explicadora do filho e por arrasto de Jaime. Os dois rapazitos não se entendem com os verbos no conjuntivo e fazem cábulas. Os auxiliares de memória são originais, aparecem não em papelinhos dobrados em acordeão mas nas ombreiras da porta que dá para a sala de estudo. A professora pergunta pelo mais-que-perfeito do conjuntivo do verbo saber. Os dois estudiosos fingem-se muito concentrados, levantam-se, dão uns passos peripatéticos de pensadores profundos, olham de viés para as cábulas nas ombreiras, encontram o que procuram e dão a resposta. Entretanto, um incêndio destrói a Escola Azevedo e as aulas da 3.ª classe passam a ser dadas numa série sucessiva de igrejas e até no rés do chão da Câmara Municipal da capital transmontana.

A 4.ª classe acaba por ser feita também em Vila Real, mas já na Escola do Trem, considerada a melhor da cidade. Além das contas e da caligrafia, Jaime aprende alguma história, como convém a um velho país, e muita geografia, como exige um país que conduz um império. A disciplina «do grande mapa na parede» trata de rios e de serras, de apeadeiros e de estações de comboio. Jaime faz a primária numa escola que é de ensinar, de repetir, e não uma escolinha de aprender, de criar. O resultado é que, pela vida fora, será bom de contas, escreverá sem erros, amará a História de Portugal e manterá uma paixão pela magia da Geografia. No fim do ano, o exame, o solene exame da 4.ª classe... É um marco académico num país com tantos analfabetos. Vai para o exame com a mãe, de fato domingueiro, ansioso e sério, uma criança consciente da responsabilidade. Vê as raparigas «todas de batas brancas, limpíssimas».

É neste último ano da Escola Primária que Jaime tem o professor Pena. Além de grande mestre, é o responsável por ele se ter tornado benfiquista. A entrada nas hostes do Sport Lisboa e Benfica é simples. Numa aula, o professor Pena, autoritário e sucinto, diz:

— Têm clubes?! Não?! Então, os da direita são do Sporting. E vocês da esquerda são do Benfica!

O Futebol Clube do Porto, embora geograficamente muito mais próximo, não passa ainda de um pequeno grande clube de província. E é assim, a seco, que Jaime Neves e Zezinho Pereira da Rocha se tornam lampiões e Walter lagarto. À integração clubística segue-se uma maior integração de Jaime na Igreja Católica. Primeiro, com a comunhão solene, pouco depois, com o crisma, que, na altura, dá direito a um segundo padrinho, além do padrinho do batismo. As duas cerimónias religiosas cumpre-as na Igreja da Sé, na sua freguesia natal de São Dinis, todo vestido de branco, «como um anjinho».

1.1 VILA REAL

A escola primária e o Liceu Camilo Castelo Branco. Os «de baixo» e os «de cima». Novembro é o São Martinho ou a Festa do Vinho. Bailes de garagem e do Clube de Vila Real. O folgazão cantador e dançarino. Paixonetas e cigarros *Três Vintes*. Camões atormenta. Lulu, a explicadora paraplégica. O despertar da carne e as coristas da *Plateia*. «Queres ir ver as horas ao Calvário?» Fred Astaire e Johnny Weissmuller, uma parelha premonitória. Mariana, a rapariga que bate nos rapazes. O campo de futebol com árvores pelo meio. Jaime não é um adolescente à Rimbaud ou Nicholas Ray. Entre a tropa e a medicina.

A educação infantil e adolescente de Jaime Alberto Gonçalves das Neves segue o guião da época. É uma educação patriótica, e católica, logo dolorista e sexualmente reprimida, o que o levará, quando adulto, a uma relativamente fácil e absolutamente contínua transgressão. Por esta altura, Jaime tem a aparência cuidada de rapazito de cidade provinciana muito controlada socialmente. Contudo, isso não o impede de, com outros rapazes, nas voltas pelos arredores de Vila Real, roubar fruta, ir aos ninhos, mergulhar no Douro em cuecas ou andar à pedrada, ganhando um galo de vez em quando. Os seus jogos são o espeto, os botões — quando perde, aparece em casa com as calças na mão —, a fisga ou o pião, que apanha bem e bem «escacha» os outros. Em todos estes jogos, além do prazer da competição, domina-o o fascínio da pontaria. Também gosta de andar a correr com o aro de uma roda de bicicleta, empurrado por um longo arame, ou, com os amigos, de untar com aguarrás o rabo de um gato ao qual previamente ataram um molho de latas. O barulho

das latas do desesperado gato, correndo na gáspea com o traseiro a arder, diverte toda a rapaziada e não desgosta os adultos, incluindo as mulheres, apesar dos seus gritos de «ai, o que os cachopos fizeram ao gato». Também anda à bulha e não se porta mal. Mais tarde, já na mudança de voz, com um buço ridículo e ralos pelos no queixo, são o *snooker* e o bilhar livre que lhe libertam o dinheiro de bolso.

Em Vila Real, Jaime vive perto da Avenida Carvalho Araújo, o herói marinheiro da Primeira Guerra Mundial. É na capital transmontana que começa a sentir que, se foi um reizinho entre os mais pobres, tanto em Anta como nas Fontainhas, já não o é em Vila Real. Começa a aperceber-se que, de facto, embora filho de um agente da autoridade, não faz parte dos de cima. Na cidade, ele é o meio-aldeão, o aldeão urbanizado, o «filho de um polícia». Não faz parte nem do grupo dos filhos dos erradamente chamados «doutores» nem do grupo dos filhos dos ricos. Não é elemento dos «de baixo», mas quase; não é um pobre, mas um remediado. Acima de tudo é povo, não zé-povinho mas zé-povo, e sê-lo-á sempre. Nunca terá de «subir até ao povo», como o poeta aristocrata Pedro Homem de Mello.

Nos anos quarenta e início dos anos cinquenta, Vila Real é uma pachorrenta cidade estratificada nas três classes tradicionais: alta, média e mártir. A cidade tem como seus ricos o comerciante Constantino Fortuna e os armazenistas de mercearia Taveira da Mota e Família Litos. É gente com criadas de dentro e criadas de fora, que mantém a tradição portuguesa da troca e não da produção, o que, aliás, continua no século XXI, em grande escala, com Alexandre Soares dos Santos ou Belmiro de Azevedo. Se os ricos de Vila Real são merceeiros, as autoridades locais, por seu turno, são obedientes correias de transmissão do poder autoritário de António de Oliveira Salazar. Os mais salientes representantes do regime são o Governador Civil, o Comandante da Polícia, tendo feito nome no cargo o major Mota Freitas, e o Presidente da Câmara, o professor primário Grilo. Este entende-se muito bem com o doutor Martinho Vaz Pires, reitor do liceu da cidade, o Camilo Castelo Branco. Abaixo das autoridades

e dos ricos, há uma estreita classe média e uma larguíssima classe baixa. Se se tomar como parâmetros de classe social a profissão, o nível económico, o círculo social, a educação, a cultura, a autoimagem e os vários consumos, à classe média pertencem os funcionários públicos licenciados e os profissionais liberais. Por seu lado, pertence à classe baixa uma massa martirizada de empregados e de assalariados. É gente curvada, que trata os licenciados por doutores, que teme o patrão e as fardas e que se alivia no vinho e na religião. Há ainda os pobres de pedir. A Igreja é omnipresente mas o foco maçónico existe.

A vida social de Vila Real faz-se no Café Pompeia, que é o primeiro a ter televisão, e na Pastelaria Gomes. A cidade sai da modorra habitual com uma Feira do Gado muito concorrida e com a realização de verbenas, no Jardim da Carreira. Nestas há barracas de comes e bebes e não falham os discos pedidos. Jaime e os amigos, passeando pelo jardim, passeiam os olhos pelas raparigas e os ouvidos por um Alberto Ribeiro de bigode e brilhantina, pelo anafado romântico Francisco José de

Teus olhos castanhos
De encantos tamanhos
São pecados meus

e pelos muito populares tangos *La Cumparsita* e *Tango dos Barbudos,* com o célebre início cheio de tiros cómicos. Ouvem-se também a voz podre de Marceneiro, o Carlos Ramos de

Não venhas tarde
Dizes-me tu com carinho

e a divina voz de Amália, a grande figura da época a par de Salazar, que arrepia com

Enquanto que a chibata
Batia no seu amor
Mãe preta embalava
O filho branco do senhor

Na cidadezinha provinciana, o toque cosmopolita é dado pelo Circuito Internacional de Vila Real. Neste Circuito, feito de corridas de protótipos, o então jovem, mais tarde quase ancestral de si próprio, Manoel de Oliveira também carrega no acelerador. Jaime é um fã das corridas e virá a ter sempre uma relação forte com os seus carros, civis ou militares. Mas o ponto mais alto da agitação de Vila Real é o São Martinho a 11 de novembro, o mês da sua vida, o que o leva para a História. É a Festa do Vinho, a festa que inaugura o vinho novo com castanhas, matança de porco e o santo vinho das grandes carraspanas.

Há ainda, como em toda a cidade de província, o passeio dos tristes. Jaime e os amigos também o fazem, circulando, num tédio de acne juvenil, entre «a Avenida», a larga Avenida Carvalho Araújo, e o Cabo de Vila. Entre uma e outro, correm algumas ruas e vielas. Para afugentar a pasmaceira organizam-se bailes. São de dois tipos: os bailes adolescentes de garagem, com *pick-ups* coçados, e os provincianamente chiques do Clube de Vila Real, que fica por cima do famoso Café Clube, falido com o fim do contrabando do volfrâmio. Aqui, Jaime e Walter vão à boleia de Zezinho, filho de oficial do exército, elemento que pertence aos «de cima» da cidade.

Por estes anos, Jaime descobre e aperfeiçoa o jeito para a dança. Dança o tango, «esse pensamento triste que se dança», o *pasodoble* e, quando quer brilhar, a valsa. Além de exímio com os pés, também canta, especialmente quando vai a Anta. Mostra-se seguro nas cantigas à desgarrada, dominando os seus esquemas rimáticos e rítmicos. Acompanhado pelo velho *só-li-dó* de um tocador de concertina, o cantador Jaime exibe verbo rápido e atestado de malandrice. Arranca facilmente versos brejeiros da atmosfera em que está, que cria e lhe vai sendo criada. Para afinar a voz bebe uma pinga e come um bocado de bacalhau salgado. Mas não é só em São Martinho de Anta que canta. Com os tios António e Alberto, apenas seis e dez anos mais velhos, anda também na paródia pelas freguesias de Sabrosa. Nas aldeias, mais solto do que em Vila Real, é um rapaz bem-disposto, folgazão, com um talento natural para a amizade masculina e o

convívio de grupo. Mas não é só um doidivanas, também é responsável, leva o estudo a sério. É o primeiro rascunho do futuro Jaime Neves.

O adolescente Jaime capricha no vestir. Usa fato, gravata, boné e mesmo boina uma vez por outra. A mãe zelosa e a vizinha do rés do chão, uma modista amiga da família, explicam o seu esmero na aparência. Como qualquer adolescente, tem paixões platónicas, olhares moles, suspiros tristes. Ainda está para vir o seu tempo das messalinas, por agora são as ondinas que andam por perto. Tem uma paixoneta casta pela colega Ema de Sousa, que virá a ser secretária de Fernanda Pires da Silva, dos Supermercados Pão de Açúcar. Também, como qualquer adolescente, para se fazer pose de homem, Jaime começa a fumar. Aos dezasseis anos fuma dois maços por dia. A marca é o célebre *Três Vintes,* conhecida por «mata-ratos». Num tempo em que os polícias são brutos bófias de barriga e bigode e ainda não os politicamente corretos cívicos de gel e patilhas em bico, fumar obriga Jaime, filho de um agente da autoridade, a estar em constante guarda. Anda duplamente atento a quem lá vem, porque também não paga a obrigatória «Licença Anual para Uso de Acendedores e Isqueiros». E se as platónicas paixões se esvaem, tristemente doces e ligeiras, a pesada paixão do tabaco, essa, fica. Anos depois, será um *chain smoker* de cinco e seis maços diários. O álcool, os copos, virão mais tarde, não muito mais tarde. Por agora, quase só água e pirolitos.

Jaime Alberto Gonçalves das Neves frequenta todo o ensino secundário no Liceu Camilo Castelo Branco. Sem um chumbo. Faz o 5.º ano com a média baixa de onze valores mas ultrapassa o sétimo Grupo do 7.º ano com catorze valores, uma média de Quadro de Honra. O adolescente, que sente desde muito cedo o fascínio dos mapas, é particularmente bom na disciplina de geografia, em que chega a atingir os dezanove valores. Tem como professor desta disciplina o doutor Catarino, que virá a pertencer à Câmara Corporativa do Estado Novo. Catarino é um professor idolatrado «no Camilo». No fim

das suas aulas, os alunos sacrificam os intervalos para o ouvir falar. Entre dois toques de campainha, fala de vocações e de destinos profissionais, aponta os possíveis caminhos do futuro. O adolescente Neves também é muito bom a matemática, cujo professor de referência é o doutor Jacinto Guedes. Chega a tirar vinte valores, nota a que não é estranho o acompanhamento da Menina Lulu, «a melhor explicadora de matemática de Vila Real». Lulu é paraplégica e, quando se zanga com os explicandos, atira-lhes, de posições esquisitas, o seu amado lápis *Viarco*. Jaime detesta física e química.

Um outro professor que lhe fica na memória é o professor de francês, o «Pai» Lisboa. É um bonsarás que grita, gesticula, ameaça, e, depois, coração mole, apoia em tudo os alunos. Certa vez, em conversa com Jaime e Zezinho Pereira da Rocha, o bom «Pai» Lisboa diz:

— E dei-lhe um «um» porque um «um» é menos que zero!

— Como, stôr? O quê, stôr?!

— Os porcos fazem «uhm, uhm», não é verdade?!

Os dois rapazes riem-se e Jaime, aproveitando a embalagem da conversa, diz:

— Também dizemos «AdolfoDias». — As duas palavras são atiradas sem pausa.

O doutor Lisboa primeiro estranha, depois espanta-se, por fim exclama:

— Ah, malandreco! És um bom malandreco, Jaime!

Não tendo grande inclinação para as Letras, apesar do jeito para as cantigas ao desafio, o jovem Neves lê, no entanto, a obra do conterrâneo Miguel Torga. É o único autor que lê com algum afinco antes de ser um profissional das armas. Torga deixa-lhe um forte sentido de afirmação e de dignidade pessoal. Por uma qualquer razão inexplicável, passa-lhe ao lado o Camões dos sonetos e o Camões patriótico e imperial encanta-o mas é-lhe difícil. A divisão do Poema Nacional em orações não o desmotiva, atormenta-o. Do programa de português, lê *A Morgadinha dos Canaviais* do leve e luminoso Júlio Dinis e *O Bobo* do pesado e brônzeo Herculano.

Sem o peso da obrigatoriedade e das notas, com o puro, límpido, prazer de ler que só um adolescente pode ter, vive *Os Três Mosqueteiros,* Júlio Verne e Emilio Salgari. As revistas que lhe passam pelas mãos são *O Diabrete, O Gafanhoto* e *O Mosquito,* a rainha das revistas, cujo herói é Cuto, o rapazito aventureiro. Estas publicações são verdadeiras histórias aos quadradinhos, pura aventura e entretenimento, e não banda desenhada, material já intelectualizado. Têm, em regra, quatro folhas folhetinadas com várias histórias em cada número. Só nos últimos anos do liceu é que aparece então *Mundo de Aventuras,* da Agência Portuguesa de Revistas. Também da mesma agência surge, em 1951, a revista de destino feliz que é a *Plateia.* É a revista portuguesa que faz os adolescentes darem algum corpo aos ingénuos sonhos de sexo. As cantoras e as atrizes em voga, e principalmente as anónimas coristas do Parque Mayer, com pecaminosos *collants* de renda preta, inflamam a imaginação dos rapazes. A maioria das revistas é emprestada a Jaime e a Walter por Pereira da Rocha, sempre o mais abonado dos três amigos, colegas e vizinhos.

Pelo quarto ou quinto ano do liceu, dá-se o estranho e saboroso despertar da carne. Como todos os adolescentes, Jaime, Zezinho e Walter andam, agradável e curiosamente, obcecados com a ideia do sexo, essa tão física ideia. Tornam-se, como tantos da sua idade, excecionais caçadores de corpos femininos, embora apenas a título mental. Sonham partilhar o leito — mas qualquer outro lugar também serve — com cantoras e atrizes e, em especial, com as coristas da *Plateia.* Nada de novo, já que o sexo é o pensamento contínuo e a tormenta química que mais contribui, segundo os neurocientistas cognitivos, para a «tempestade perfeita dos cérebros adolescentes». Além da imaginação sexual, que é muito confusa, e dos auxiliares de imaginação, das fotos desbotadas a preto e branco que circulam como segredos abertos, Jaime e os amigos tentam a sorte nos bailes. De olho mole e com uma protuberância incómoda, depois de uns passos de dança, fazem o sacramental convite para o *lover's lane* de Vila Real:

— Queres ir ver as horas ao Calvário?! — E o azar da pergunta de enviesado sentido é a resposta:

— Não, obrigada! — Atiram a tampa de alto as castas ondinas. Exageradamente ultrajadas, mas com um sorriso.

Na lenta e desesperante aprendizagem sexual, com as hormonas em constante sobressalto, Jaime e amigos dirigem-se por vezes à Rua dos Ferreiros, onde funciona «uma pobre casa de putas». Mas vão lá só para aspirar o ambiente, tesos que são em dois dos três sentidos mais comuns da palavra. Há ainda as muito faladas sextas-feiras, dias em que os rapazes se postam junto à esquadra da polícia para verem as prostitutas «ir à examina». Trata-se do exame médico obrigatório que lhes dará ou não a autorização para continuarem a exercer. Ouvem então pela primeira vez falar em «apanhar uma galiqueira». Mas a gonorreia é o que menos os preocupa, ferventes de desejo como sempre estão.

Além das leituras e do sexo virtual, há o cinema e o futebol. Jaime faz parte de um «grupo do cinema» com Pereira da Rocha, Walter Almeida e Mota Freitas, filho do chefe da polícia de Vila Real, que virá a ser preso no caso da rede bombista do Verão Quente de 1975. Os filmes passam às terças e quintas no Teatro Avenida. São filmes de *cowboys* com Cassidy como herói — John Wayne ainda não é ninguém — e filmes em série sobre múmias. Há ainda as fitas de Fred Astaire e do Tarzan interpretado por Johnny Weissmuller, a quem os rapazes chamam «Jony Vais à Mula». Astaire e Weissmuller formam um par de figuras premonitórias, par que se ajusta perfeitamente à folha de vida a desenrolar por Jaime. Astaire, o dançarino, que Jaime já é, e «o africanista» Weissmuller, que virá a ser. No seu processo adolescente de busca de modelos de homem, a «identificação idiomórfica» dos psicanalistas, à figura central que é o pai juntam-se o professor Pena e também os dois atores.

Quanto ao futebol, Jaime e os amigos jogam-no num campo junto ao cemitério de Vila Real. É um campo de futebol com árvores pelo meio, pelo que os setores defensivos têm eucaliptos verdadeiros e os atacantes têm «Torres» de verdade. A bola com que jogam é feita de jornais amassados metidos dentro de meias. São bolas que alugam a uma moça chamada Mariana, que vive na Vila Velha, e que, além de fina comerciante que aluga bolas, é dura desportista. Não só

obriga os rapazes a incluí-la numa das equipas como joga descalça enquanto eles jogam quase todos de alpergatas. Além disso, Mariana, um mulherão que virá a ser elemento do Partido Comunista Português (e o amigo Walter virá a andar lá perto), bate-lhes. Os jogos mais disputados são entre «os do Liceu», os «de cima», e os «de baixo», os alunos da Escola Comercial e Industrial. São prélios muito bem disputados mas mal jogados. Há claques, cânticos e picardias mas a tática «estebiana» do «futebol total» fá-los apenas chutar a bola e não jogar futebol. Na arte do pontapé e da cabeçada, o jovem Neves é um centro-campista, um cabeça da área, como dizem os brasileiros. É o organizador de jogo, o motor da equipa. Por aqui se pode porventura prever o futuro líder. É talvez no futebol que o jovem Neves começa a aperceber-se vagamente de certas características que o levarão a ser um invulgar condutor de homens. Mas o homem que virá a ser um exemplo de liderança não chega a ser chefe nem sequer subchefe de qualquer das turmas no liceu. Tão-pouco faz parte da Comissão de Festas do 7.º ano. Talvez por não pertencer aos de cima.

Cantador, dançarino, folgazão, particularmente nas aldeias de Sabrosa, e centro-campista, Jaime não deixa de ser um adolescente pacífico e cumpridor. O trabalho e o gozo, a seriedade e a brincadeira, os claros e contínuos opostos que o virão a definir como homem, apresentam-se já aqui, em estado larvar. Jaime não é um rebelde, um desiludido com um pai que mal suporta, não é um adolescente revoltado à Rimbaud ou à Nicholas Ray. Passa quase despercebido entre a massa estudantil de Vila Real. Só nos dois últimos anos do Ensino Secundário é que mostra alguma indisciplina. Na única ocasião em que o pai lhe bate, Jaime, então com dezasseis anos, chega a casa às oito da manhã depois de uma noitada fora não autorizada. O pai dá-lhe um murro tal que o adolescente cai e parte um braço. Não fica a odiar o pai, acha até que foi «merecido, bem dado». É um murro que o fará crescer na direção certa. Mais tarde fará o mesmo com os seus homens quando saem da linha, e eles também lhe ficarão gratos.

O adolescente Jaime acaba por sair da linha no que toca à Mocidade Portuguesa, a versão suave da *Hitlerjugend,* cujos exercícios são

às quartas e sextas. Muitos alunos não gostam da Mocidade, e ainda por cima têm de pagar vinte escudos por ano. Na guerra deles, que é contra o reitor, certa vez entram no Camilo Castelo Branco fardados de calções castanhos e camisas verdes mas com as fardas trocadas. Como outros, Jaime, que não é alto, leva a farda de um colega de turma alto e este a dele, numa palhaçada a lembrar Franco Franchi e Ciccio Ingrassia. Um outro ato de indisciplina prende-se com o uso da capa e batina. O reitor é contra essa indumentária dentro do liceu. Jaime e outros usam-na então na cidade, essa capa e batina que, nos estudantes de Coimbra, faz com que muitos os vejam, incluindo o judeu madeirense John dos Passos, em *The Best Times,* como pequenos jesuítas de sotaina preta, embora sem chapéu.

O Portugal de Salazar, autoritário, imperial mas pobre, produz uma sociedade fortemente hierarquizada. Porém, a mobilidade social não é inexistente, como a historiografia que se trai a si própria e o jornalista que não sabe o que diz querem fazer crer. No salazarismo, o elevador social não está totalmente emperrado. Para subir na escala social, além da emigração, da Igreja e da atividade política, há duas vias: ou pelo elevador de serviço, a cunha, traço secular português, ou pelas compridas escadas, para os homens de categoria intelectual e para os duros. Quanto à primeira via, Salazar e Caetano, com uma origem de classe humilde, são exemplos perfeitos. São dois dos «de baixo» que chegaram ao topo absoluto no que toca ao poder político. Também de baixa extração e alta pertença de classe são Franco Nogueira, Antunes Varela, Adriano Moreira ou Veiga Simão. Boa parte destes homens que atingem lugares cimeiros no salazarismo e no marcelismo são filhos de homens de farda, representantes de diverso tipo do monopólio da violência do Estado. Quanto aos duros, estes sobem nas estruturas da Força e da Ordem, como nas Forças Armadas, depois de 1961, por feitos em combate, como cabos, sargentos que passam a oficiais ou alferes milicianos que são graduados em capitães e seguem carreira. Ou na PIDE/DGS, como Alves Cardoso, Linhares e outros que, sem um curso superior, conseguem chegar a diretores e subdiretores.

1.2 LISBOA (E AMADORA)

A Academia Militar. A natureza da coragem. O cadete de Anta não é marrão mas... O curso de 1953-57. Rufino e o Abade. É magrinho mas não é um vidrinho. Os copos de três e a descoberta da noite. A questão dos valores. A *violência sã* de Henry de Montherlant. A casta.

O adolescente Neves, com boa média liceal final, reflete nos conselhos do doutor Catarino quanto ao rumo que quer dar à vida. Balança na decisão de seguir uma de duas opções: a vida militar, com matar ou ser morto como horizonte, ou a medicina, cuja luta é contra a morte. Quer a Escola do Exército quer as Faculdades de Medicina são instituições prestigiadas e, mais do que isso, prestigiosas. Numa sociedade pobre e inculta, são escolhas de grande impacto: para os de baixo, a farda inspira um temor respeitoso; e o médico, se não é um Deus, é pelo menos um feiticeiro de bata branca. Na decisão a ser tomada, a parte monetária é fulcral. Na Escola do Exército tem de pagar os talheres, os cobertores, as fardas, o equipamento de ginástica, o colchão e uma cadeira. Mesmo assim, fica mais barato do que estudar numa faculdade. Se optasse pela faculdade, o jovem Neves, na terminologia estudantil atual, estaria mais próximo dos mitras do que dos betinhos. Na Escola do Exército essa distinção não existe, se se fizer vista grossa aos filhos do aristocratismo militar ou filhos de «gente d'algo». Jaime recebe boas notícias quanto à sua inscrição na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto mas acaba por optar pela Escola do Exército.

Torna-se cadete em Lisboa. Liberto da área natal e, posteriormente, do anel apertado que é Vila Real, o cadete abre-se à vida como se renascesse. Está na idade em que se nasce só para a vida, ainda não para a morte. Abre-se ao mundo e particularmente aos encantos de um certo submundo lisboeta. A relação com a noite, que virá a ser a sua fiel parceira, dá aqui os primeiros passos. Com voracidade, descobre não só a grande cidade mas também o mundo de camaradas da Escola do Exército, bem mais igualitário do que o de Vila Real. Acabam-se os colegas e os coleguinhas do liceu de cidade de província. Já está farto deles, «farto de aturar os putos do liceu», como dirá o inominado capitão de *Nó Cego,* o clássico de Carlos Vale Ferraz. Aliás, o jovem de Anta ouvirá, nos primeiros dias da Academia, a indignada correção:

— Colegas, nosso cadete?! Colegas?! Colegas são as putas! Aqui somos camaradas! — A mudança de tratamento é um dos aspetos importantes na transformação definitiva da sua massa civil em massa militar.

Um quadro geral do curso da Escola do Exército, mais tarde Academia Militar, sem preocupações de pormenor ou de variantes ao longo dos anos, pode ser o seguinte: um ano de abertura, com o nome de Curso Geral Preparatório; dois anos específicos da Arma do Exército escolhida — Infantaria, Artilharia, Cavalaria e Engenharia Militar, sendo que esta, em 1970, liberta serviços para a nova Arma de Transmissões; e um ano de fecho, que é o do tirocínio na respetiva Escola Prática da Arma escolhida. As disciplinas do Curso Geral Preparatório são, além de Instrução Militar Geral e algumas lições de Ética Militar e de «Motores», Matemática, Física e Geometria Descritiva. Nos segundo e terceiro anos, respetivamente 1.º e 2.º Anos da Arma, as unidades curriculares da Arma de Infantaria, à qual Neves pertence, são Organização Militar, Fortificações Militares, Química de Explosivos, Tática Militar Geral, Topografia, História Militar, Geografia Militar, Estudos Ultramarinos, Tática de Infantaria, Armamento e Tiro e Transmissões. A parte de exercitação física cobre

os quatro anos do curso e, além da infalível Ginástica, inclui Equitação, Esgrima e Combate. Nesta «disciplina de arrear», os alunos aprendem com mestres de Luta Militar, de Judo e de Boxe. Na Ginástica, os mestres são especializados no CMEFED, rebarbativa sigla do Centro Militar de Educação Física e Desportos.

É nas poucas aulas de Ética Militar ou Deontologia Militar que, de forma sistematizada, mais se dilucidam conceitos como o da coragem ou dos «valores transcendentes» e da «elevação» que um oficial deve possuir. As definições de coragem e as lutas verbais pela melhor delas sucedem-se entre alguns dos cadetes mais intelectuais como Ernesto Melo Antunes ou António Ramalho Eanes. Qual a melhor? O shakesperiano «devemos uma morte a Deus e quanto mais cedo a pagarmos menos caloteiros somos» ou a elegantemente minimalista «grace under pressure» de Hemingway?! «O medo é o microscópio que aumenta o perigo» ou o contraditório «a coragem só pode nascer do medo e vencê-lo»?! Ou ainda o popularíssimo e rasca «quem tem cu tem medo»?! A coragem é o tema sobre o qual o cadete Neves mais pensa, embora pouco o exteriorize. Reflete, com sangue quente, com emoção e ainda não com a frieza da experiência, sobre a qualidade que, em todos os tempos e em todos os lugares, é a mais admirada. Mais ainda do que a inteligência ou mesmo a bondade. A coragem, a valentia, a bravura, a temeridade. Como destrinçá-las?!

O primeiro ano, ou seja, o Curso Geral Preparatório, altura em que os alunos são «infras», fá-lo Neves e os cerca de cento e oitenta camaradas no Anexo da Escola do Exército na Amadora. No segundo ano, isto é, no 1.º Ano da Arma, já na sede da Escola, na Rua Gomes Freire, em Lisboa, e, já como «candidato», o cadete Neves é praxado. Só o é nessa altura porque o ano de abertura, feito na Amadora, ficara fora do alcance dos praxadores. No terceiro ano, 2.º Ano da Arma, já designado por «senhor aluno», o cadete de Anta tem o gosto de passar a praxar os «candidatos». Fá-lo de forma interessante e engraçada. Faz a praxe não com brutalidade cretina mas

através da palavra ou da situação de gozo. Uma das suas praxes consiste em obrigar os «candidatos» a cantarem o *Hino de Vila Real*. Ainda hoje, mais de cinquenta anos depois, o antigo chefe da PSP de Lisboa, José Aparício, sabe de cor «o sacana do Hino». Por fim, o quarto ano, o Tirocínio. Como tirocinante, Neves cumpre o último ano do curso no «Lar da Infantaria», na Escola Prática de Infantaria, instalada na parte sul do gigantesco Convento de Mafra e respetiva tapada.

Jaime Alberto Gonçalves das Neves não é um aluno militar marrão, colado aos livros. Pelo contrário, cabula o seu bocado. É aluno do fundo da sala de aulas, área tradicional de conforto dos malandros. Aí, enquanto os professores explicam e os camaradas ouvem, o cadete de Anta, não raro, joga à batalha naval. Tem como parceiros de jogo Pinto Oliveira, «o P.O.», e Gamelas, um bom amigo. Vivaço, extrovertido e divertido, o cadete Neves é um festival de vida. Aluno médio baixo, a sul do equador das boas notas, mostra, em contrapartida, alguns sinais de que possui o dom da liderança. Tal como num negativo fotográfico, ao contrário do liceu onde fora bom aluno mas nem sequer a subchefe de turma ascendera, como cadete, não é bom aluno, mas começa a despontar como líder natural. Com ele, ao contrário de muitos outros, não é preciso aprender que «comandar é representar», conquanto não dispense os seus lances para a plateia.

O seu curso da Escola do Exército é o de 1953-57. É um curso famoso, «um curso charneira». Dele fazem parte Ramalho Eanes, que anos depois se tornará o amigo íntimo, o «irmão» de Neves, e que este virá a considerar como «o melhor oficial do Exército Português» a par de «Passos Ramos, o major morto na Guiné na cobarde armadilha montada pelo PAIGC aos quatro majores»; Chito Rodrigues, o «penico» do curso, o melhor aluno deste, mas também o mais antigo por repetência; Rui Ravara, o segundo melhor aluno, mas sem ter repetido qualquer ano; Gaspar Rosa, grande amigo de Neves; Pato Anselmo, que encontrará Neves pela frente nas movimentações do 25 de Abril e virá a ser tradutor-intérprete de inglês no Sport Lisboa e Benfica no tempo de John Mortimore; Loureiro

dos Santos, o grande aluno de Artilharia que mais tarde fará um doutoramento no Brasil; Garcia dos Santos, que terá uma grave pega com Neves; Almeida Bruno, o militar português mais condecorado e que chegará a ser apontado como candidato à presidência do Benfica; Tomé Pinto, que será um dos poucos generais com Cruz de Guerra; e Melo Antunes, um cadete sem grandes qualidades físicas, um pré-intelectual já pendurado nos livros dos bonzos do marxismo. Este curso de referência de 1953-57 conta ainda, mas só no Curso Geral Preparatório, antes de seguir para a Escola da Marinha, com Guilherme Almor de Alpoim Calvão, que, na perceção pública, virá a competir com Jaime Neves como a figura emblemática por excelência das tropas de elite portuguesas.

Alguns outros alunos deste curso excecional são Brilhante Pessoa, da família das Balanças Pessoa, as balanças brancas das mercearias; Pimenta da Gama, que logo no primeiro ano falha os mínimos, porque só se interessa por cavalos, com os quais, aliás, se destacará como olímpico; Marques Pereira, que virá a dar as famosas sessões de ginástica pela rádio; Bacelar Begonha, que virá a distinguir-se na área do Desporto; ou Pinho Bandeira, alcunhado de «o Princesa», que se tornará um purista das NEPs. Aparentemente o curso é uma frátria, mas nem todos são verdadeiros camaradas. A natural competitividade masculina não o permite. Há os que são apenas camaradas a prazo por imperativos do curso, e, mais tarde, por imperativos de profissão ou de circunstância. A realidade muito raramente é panglossiana, pelo que estalam ódios entre alguns deles. Um ou outro desses ódios virá a calcificar-se em ódio de estimação.

Para o cadete Neves, os docentes do curso que mais recorda são o tenente-coronel Pinto Ferreira, de Ginástica, e o capitão Pedro Alves Cabral, de Tática Militar. Como aluno, é particularmente bom em Orientação ou Navegação Terrestre. A magia geográfica não só continua como se acentua nele. Também é bom em Tiro, especialmente em tiro instintivo. Sendo um emocional, um sanguíneo, não é tão bom no tiro de precisão. Este tipo de tiro, para ser perfeito, exige uma tensão arterial tão baixa como a de um atleta olímpico

e uma tal delicadeza de dedos que o atirador, no momento do disparo, não pode sentir que o indicador sofre a mínima resistência do gatilho.

Nesta fase da vida, Neves recebe uma alcunha que permanece até hoje entre os elementos do seu curso. A alcunha nasce numa viagem de elétrico em Lisboa, na qual segue com um camarada. Os dois vão sentados atrás de duas raparigas que se divertem com as aventuras de Rufino, no *Diário Popular*. A dada altura, dizem de modo a serem ouvidas:

— O Rufino é tão engraçado! — exclama a primeira.

— Tão engraçado! — confirma, em deixa, a segunda.

— Sim, realmente sou! — responde Neves, sem deixar escapar a insinuada deixa. O camarada acabará por contar a história e a alcunha, «muito bem apanhada», espalha-se com facilidade.

O cadete Neves é muito magro, um pau de virar tripas, mas pletórico de energia. É magrinho mas não é nenhum vidrinho. Pelo contrário, é um duro. E é um jovem aberto, vibrante, o contrário do hermético Eanes, o seu coprotagonista do 25 de Novembro de 1975. Eanes é um jovem fechado, rigoroso, tendencialmente monacal. Tem a alcunha de Abade devido ao ar de asceta e porque estuda os livros como se fossem o *Breviário.* Aliás, Eanes sempre teve o desejo de ser ou médico, ou padre, ou militar. Acabará por exercer o sacerdócio militar. Neves, sem grande tropismo pelos estudos, é o contrário de Eanes, que é estudioso e bom aluno, levando tudo a sério e parecendo não ter tido nunca o prazer de não cumprir um dever. Os dois virão a completar-se na perfeição de uma amizade viril. Parecerão concretizar, não apenas *a amizade de camaradas,* a amizade de homens unidos por um objetivo, mas a grande «utopia da amizade» de um Nélson Rodrigues que nela, aliás, não acredita.

A vida grupal e niveladora de cadete e a grande cidade, sem os constrangimentos sociais da cidade de província, tornam Neves um jovem mais livre, mais feliz. Começa a agarrar a vida com as duas mãos e o peito todo, quase explode de energia. Há dias em que chega a pensar que vai estourar de alegria. A vida está ali à sua frente

por muitos e muitos anos, toda a existência se abre para ele. E ele tem a fúria de a viver, quer vivê-la plenamente, devorá-la. É agora um bom malandro com tendência para a vadiagem noturna. Nos primeiros tempos de cadete, Neves e «os do Norte» são convidados pelos do Sul para um copo de três nas tascas de Lisboa. O Bairro da Graça é uma das zonas preferidas. Na primeira saída para os copos, os nortenhos nem sabem o que é um copo de três. Sabem sim o que é o vinho fino, o vinho americano, o vinho verde, vinhos que os «marroquinos» desconhecem. Nessas saídas, apanham as primeiras bubas sulistas; cardinas ou ramadas, segundo os «galegos». Também não sabem ainda o significado de bejeca, baeta, lerdo ou bitoque. Mas vingam-se passando termos que os do Sul não conhecem como pinar, broco, trengo ou morcão. Usam e abusam de carago, o termo galego mais popular no Norte, que não significa o que normalmente os do Sul, e mesmo muitos nortenhos, pensam.

São muitas as vezes em que o cadete Neves salta o muro da Academia na Rua Gomes Freire para se esfumar na noite, nos *bas-fonds* lisboetas, no Bairro Alto. Neste bairro fadista e faquista, o comércio sexual de rua é quase porta a porta. As prostitutas, exemplo extremo de sexo que «cruza o libidinal com o patológico», como diria qualquer psiquiatra, fazem o cadete pensar. As mulheres da vida infundem-lhe alguma compaixão e simpatia. Os copos, os cigarros, o jogo, o seu bando e as mulheres, de quem gosta em geral e em particular — eis a que virá a ser a assinatura existencial de Jaime Neves, fora das suas obrigações militares. Este é já, em estado incipiente, parte do Neves homem feito. Falta apenas a guerra, o mais importante. No regresso das escapadelas, madrugada alta, tem a escada do lado de dentro do muro à espera. A camaradagem não falha para quem é camarada. De seguida, o inevitável dia de pálpebras pesadas, derreado. O cansaço que ainda não aprendeu a dominar pela pura força da vontade, como fará alguns anos depois no Curso de Comandos.

Além dos valores transmitidos pela família, na Academia Militar Neves assimila o patriotismo, a sã paixão nacional, e a glória da

guerra — a glória que a *Ilíada* ensina, não o mercenarismo de Molière e muito menos o pacifismo de Aristófanes. Outro valor que consolida é o da camaradagem e o respetivo código de silêncio, ou precisamente o oposto, quando, para que ninguém seja castigado injustamente, se assume com frontalidade a responsabilidade da falta que se tenha cometido. Um exemplo disto dá-se no dia em que Neves e Pinho Bandeira fazem grande escarcéu com o rebentamento de bombas de Carnaval que cada um colocara num diferente cacifo para o lixo. O oficial de dia, alferes Canelhas, lança o aviso solene para que se apresentem os autores da brincadeira. Neves instiga Bandeira a apresentarem-se de imediato. O oficial de dia acaba por elogiar a assunção aberta de ambos, evitando assim que a mancha da suspeita seja lançada sobre todos. Um código de comportamento forte e simples e «a masculina música das palavras sem vileza» (Manuel Bandeira) é o que guia Neves na vida. Acolhe-se a algumas regras básicas que, sempre com frontalidade e muitas vezes com teimosia, cumpre. Não faz golpes de cintura, não tem a manha, ou a diplomacia, do pequeno rio que contorna obstáculos, antes os enfrenta com a força do mar. E, assim, mais do que um chefe, tornar-se-á um líder.

Entretanto, o seu pé para a dança satisfaz-se nos bailes do belo salão da Casa do Alentejo, na Rua das Portas de Santo Antão. Também não falha os bailes da Cooperativa Militar, os «bailes da mula», assim chamados por causa da canção de Max «A Mula da Cooperativa». O cadete Neves aprimora-se no vestir: fardado, de bota alta, é «um ferrinho». No último ano do curso, dá-se um episódio que machuca a imagem do «ferrinho Rufino». Numa das cavalgadas pela tapada do Convento de Mafra, bastante perigosas devido aos buracos deixados pelos tiros de canhão, os finalistas militares deparam-se, no eucaliptal, com um lago. Têm de o atravessar montados. Neves vira-se para os camaradas e, pimpão, declara:

— Eu, Jaime Alberto Gonçalves das Neves, atravesso à rédea larga!

O cavalo, suado, perante o apelo da água e não sentindo o mando da rédea, não resiste e atira-se para o lago. O jovem marialva desaparece e emerge, encharcado. Os camaradas gozam, e o cavaleiro apeado, depois da água engolida, engole o azar com *panache*.

É neste último ano, como tirocinante da Arma de Infantaria, que o agora aspirante Gonçalves das Neves interiormente mais se liberta, mais medos destrói. Mas será no Curso de Comandos, amargado com orgulho oito anos mais tarde, que definitivamente perderá o medo da morte e, com isso, todos os medos da vida. É agora, saído da Academia, um militar de vocação heroica que espera pela guerra, que anseia por Ela e que d'Ela espera a justificação para a vida. Tem absoluta consciência de que pertence a uma casta. Pertence ao grupo de jovens oficiais que têm por missão a defesa do pequeno país e do gigantesco império. Faz agora parte do que os académicos militares *yankees* chamam *The Fortress*. É membro da Fortaleza, a entidade móvel de militares profissionais que se identifica com Portugal como um todo. Assim, sente-se depositário de uma História de muitos séculos e defensor de uma Geografia imensa, de um espaço quase irreal que, partindo do Minho, atravessa o mundo e chega a Timor. O jovem oficial, cujo amor à pátria lhe atravessa o ser, é parte imensamente orgulhosa do braço de ferro de um velho, estranho e paradoxal país feito de pobreza e de grandeza.

Concluído o curso da Arma de Infantaria da Academia Militar, com vinte garbosos anos e com a modesta média de doze valores, em rigor onze valores e setenta e nove décimas, Jaime Alberto Gonçalves das Neves é promovido a alferes por portaria de 4 de agosto de 1957. Como oficial do exército, tem de ser um duro que comanda. Além dos coriáceos genes transmontanos, absorve ainda na Academia uma cultura da violência. Trata-se, na muito séria expressão de Henry de Montherlant, da *violência sã,* não da violência desnecessária, cobarde ou desproporcionada. O alferes é agora, oficialmente, um dos gestores da mais alta violência legal. Representa esse Estado que tem o poder de tornar legal a antiquíssima atividade do homem de matar em quantidade. Praticará essa violência com abundância em África, e receberá alguma, no seu próprio corpo.

O alferes de São Martinho de Anta é um jovem feito de sonhos, projetos e esperança, quase vazio ainda de memórias. É um ser solar, cheio de gosto e força de viver, que enlaça a orgulhosa condição militar com o desejo de aventura.

A palavra homem*, em todas as línguas que conheço, conota capacidade sexual e capacidade belicosa, e a palavra* virtus*, que em latim quer dizer coragem, provém de vir, que é varão.*

JORGE LUIS BORGES